

Fosfol é bom para a memória

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS
General de Divisão da Reserva

Você se lembra de quem teve a honra de receber o seu voto nas últimas eleições? Provavelmente, o candidato a presidente você se lembra. Esse, a gente nunca se esquece. Os outros, deixamos sempre para lá. Mas, se você é daqueles cidadãos com “C” maiúsculo há de saber. Parabéns! Entretanto, você acompanha a trajetória do seu representante? Sabe quantos e quais os projetos que ele elaborou ou defendeu?

Quando se trata de cargos para o Executivo torna-se mais fácil essa avaliação. A imprensa, mesmo que algumas vezes esteja enviesada, ajuda nessa tarefa. Destaca os pontos, critica, ilumina os desafios, aponta soluções. Você também pode sentir no dia a dia os benefícios ou prejuízos da gestão de seu prefeito, governador ou mesmo presidente. Um esgoto a céu aberto que é fechado ou se mantém vazando, uma estrada que encurta o seu trajeto para o trabalho ou se mantém esburacada, inflação que foi bem administrada e lhe poupa salário ou a que corrói seus recursos.

No Brasil, a memória do eleitor é curta. Retorna, quando muito, até o início do ano eleitoral. Os candidatos e seus marqueteiros sabem disso. A propaganda eleitoral, com lindas imagens e propostas maravilhosas, também faz a sua parte. O instrumento da reeleição é pernicioso também por isso.

O sujeito passa três anos sem dizer a que veio, despreocupado de aprofundar os problemas e encontrar as saídas e, no último ano, dispara a gastar dinheiro público irresponsavelmente que os cofres não possuem, viajar para inaugurar pinguela inaugurada e propor novos e maravilhosos projetos caso seja reeleito.

Talvez a nossa Constituição devesse ser mudada. Uma proposta de emenda que definisse o mandato em apenas dois anos, sem reeleição: o primeiro ano para o eleito passear (de moto,



jet-ski, avião, bicicleta, cavalo, seja lá o que lhe aprouver), fazer churrasco, jogar uma pelada. Não precisava apresentar nenhum projeto, proposta, nada. Deixava uma pessoa de sua confiança cuidando dos afazeres nos palácios e pagando o cartão corporativo com a seguinte ordem: não mexa em nada de importante.

O segundo ano, aí ele ia trabalhar. Conceder os auxílios sociais que entendesse necessários, privatizar ou nacionalizar as empresas da infraestrutura crítica segundo sua crença econômica, construir uma diplomacia equilibrada, reequipar Forças Armadas, estimular a educação, aumentar o número de hospitais, criar empregos, incentivar a ciência &

tecnologia, dialogar com os outros Poderes etc. Seria uma economia colossal do dinheiro público, nos pouparia desgastar as estruturas de poder, preservaria a nossa paciência cidadã e abriria a possibilidade de finalmente sermos o país do presente.

Caros leitores, perdão se o texto lhes soe como chacota, é mesmo. Mas não resisti a escrevê-lo, estimulado pelo que vejo nas propagandas de partidos políticos divulgadas nos meios de comunicação. Nas rodas de bar. No trabalho. Nas reuniões familiares de final de semana. Nos embates em grupos de WhatsApp — esses um caso a ser estudado pela moderna psicologia.

Bilhões de reais foram desviados dos cofres públicos e das estatais a eles vinculados e ninguém se recorda, ou se recorda e não considera importante.

Mais de meio milhão de pessoas morreram em face da covid-19, outros tantos ainda permanecem sequestrados e o assunto já passa ao largo, como pesadelo a ser esquecido, em justificativa à má gestão.

Corrupção é palavra deletada do dicionário, já que o acusado, mesmo pego com dinheiro escondido em lugares íntimos, pode alegar desconhecer a sua origem. Mentira é só uma questão de ponto de vista e sempre há a possibilidade de desdizer o que disse para dizê-lo novamente amanhã sem ruborizar. Fanfarronice como estilo de vida é utilizada para transformar o candidato em “povo”. Jânio Quadros era petiz (expressão para iniciantes em determinados esportes) quando tomou a vassoura como símbolo político. De chapéu de cor e cachaça à farofa com galinha, hoje tudo vale.

Fosfol era um remédio que minha avó nos obrigava a tomar para melhorar a memória e irmos bem na escola. Não sei se funcionou, mas fui aluno razoável e me lembro bem em quem votei nas últimas eleições. Neles não voto mais. Paz e bem!

Empoderamento feminino e autonomia corporal

» ANDREA CIOLETTE
Diretora de Saúde Feminina da Organon

É preciso falar sobre autonomia corporal das mulheres. Apesar do avanço na luta por espaços na sociedade e da ocupação de posições cada vez mais relevantes, ainda há muito o que caminhar. Por exemplo, nos cuidados com a saúde. Uma sociedade estruturada em pilares machistas e patriarcais induz a mulher a colocar os cuidados pessoais em segundo plano, seja na atenção à saúde, seja mesmo no planejamento reprodutivo. Essencialmente, ela perde o direito a fazer suas escolhas.

Não é possível naturalizar um cenário como esse. Mulheres saudáveis são a espinha dorsal de uma sociedade próspera, estável e resiliente. No entanto, não é de hoje que elas são levadas a negligenciar cuidados com a saúde e o bem-estar por causa de uma estrutura social que delimitou funções de acordo com o gênero, cabendo à mulher os cuidados com casa e filhos.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), referentes a 2019, mostram que, mesmo trabalhando fora de casa, as mulheres dedicam oito horas a mais do que os homens a atividades domésticas, principalmente no cuidado com os filhos. O mesmo ocorre nos afazeres do lar, que também consomem oito horas a mais do público feminino: mais tarefas, menos tempo para cuidar da saúde.

Com a pandemia, a situação se agravou. Aumentou a sobrecarga nas funções domésticas e no cuidado com os familiares, enquanto o trabalho remoto ampliou o tempo consumido pela vida profissional. De acordo com um relatório publicado pela Organização das Nações Unidas *Mulheres, em 2021*, 92% das mulheres

consultadas consideraram que o tempo dedicado aos filhos aumentou muito e 85% delas tiveram a mesma percepção em relação às tarefas rotineiras do lar. Além de um esgotamento emocional, essa situação também provocou um abandono nos cuidados de saúde. Na mesma pesquisa, 64% das mães admitem que o tempo dedicado ao autocuidado diminuiu muito.

O descuido de si em prol dos outros vem cobrando um preço alto. No último ano, o número de mamografias realizadas no Brasil caiu 26% em relação a 2019, ano pré-pandemia. Apesar de o cenário de 2020 ter sido pior, não há motivos para comemorar. O exame é essencial para detecção e prevenção do câncer de mama, que é o tipo de câncer que causa mais mortes na população feminina brasileira.

Além dos prejuízos à saúde física e mental, a pandemia também evidenciou que os movimentos pela autonomia e empoderamento feminino ainda não foram suficientes para diminuir a exposição das mulheres ao assédio sexual e à violência doméstica. Ter protagonismo em relação ao próprio corpo é para poucas.

No mundo, de acordo com o documento *Meu Corpo Me Pertence*, do Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa), quase metade das mulheres (45%) não tem autonomia sobre o corpo. Isso significa dizer que elas não têm o poder de decidir quando procurar atendimento de saúde, mesmo os serviços de saúde sexual e reprodutiva, para receber orientação sobre o uso de métodos contraceptivos. Tampouco são ouvidas pelos maridos e parceiros quando dizem não às relações sexuais.

O resultado não poderia ser diferente. Um dos maiores problemas enfrentados pelas

mulheres é a gravidez não planejada. Para ficar no exemplo do Brasil, pesquisas indicam que mais de 55% das gestações não são planejadas. A estatística inclui casos de mulheres que não queriam engravidar ou que gostariam de ter esperado por mais tempo para isso. Falta-lhes muitas vezes conhecimento e acesso a métodos contraceptivos, principalmente entre as brasileiras com mais dificuldades econômicas. Entre as adolescentes, esse número é ainda maior: 66% das que engravidam não tiveram a intenção.

As brasileiras têm, em grande medida, a compreensão de que a gravidez não planejada representa um obstáculo para seu crescimento pessoal. Um levantamento da B2Mamy, a pedido da Organon, mostra que as mulheres das classes C e D entendem que a gravidez não planejada cria dificuldades para que elas rompam o ciclo da pobreza. Ter um filho sem o devido planejamento compromete, em muitos casos, a possibilidade de ela continuar os estudos e conseguir melhores trabalhos.

O empoderamento feminino só se fará completo quando a mulher puder tomar, de fato, todas as decisões relativas ao seu corpo: dos cuidados com saúde ao planejamento reprodutivo, ainda tão pouco difundido e adotado no Brasil. Permitir que a mulher possa conduzir a vida de forma mais independente e próspera depende do acesso à informação, a tratamentos e a orientações médicas, ou mesmo a métodos contraceptivos. Mas também do apoio da família, do parceiro ou da parceira, assim como das instituições públicas e privadas. É uma tarefa coletiva e urgente.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Otan e o protagonismo da guerra

Tão perigoso quanto os estrondos provocados pelas bombas que não param de cair sobre as cidades na Ucrânia é o silêncio com que são desenvolvidas as tratativas para uma possível arregimentação de tropas do Ocidente, liderados pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), para fazer frente ao exército de Putin. Perigoso também é observar a entrada sorrateira da China nesse conflito, por meio de fornecimento, por debaixo dos panos, de suplementos bélicos para os russos. Há no ar, apesar da guerra declarada e ao vivo da Rússia contra a Ucrânia, toda uma movimentação de bastidores, ou rearrumação do tabuleiro estratégico, para o início de um grande conflito, capaz de envolver outros protagonistas, o que pode, facilmente, levar a todos para o ambiente de areia movediça impensável.

E o que esse conflito tem haver conosco? É uma questão que, pelas proporções que o evento pode adquirir e já provoca, no caso dos fertilizantes e no aumento nos preços do petróleo falam por si. No caso de um conflito generalizado, acreditem, não existirá lugar seguro para se proteger de seus efeitos. Sabe-se que o Brasil, além de não ter um poderio armado necessário para suprir as exigências de um país continental como o nosso, não conta também com abrigos subterrâneos em concreto armado, necessários para uma eventual guerra dessa magnitude. Estamos a pé e descalços nessa tempestade que se anuncia.

Das milhares de análises feitas por especialistas que realmente têm a dizer sobre o conflito na Ucrânia, poucos, ou quase nenhum, trouxeram uma clareza lumina e realista como a professor John Maersheimer, da Universidade de Chicago, disponível nas mídias mundiais. Em sua avaliação, a Ucrânia perdeu, definitivamente, a Crimeia e o Donbass. A questão que importa é saber se aquele país vai perder ainda mais território para a Rússia, principalmente as terras ao Leste do país. Por outro lado, todos sabem que a economia ucraniana está destruída, com suas principais cidades em processo de se tornarem ruínas.

Com isso, a economia mundial será também afetada, o que trará consequências para todas as democracias do globo. Esses eventos ainda diminuirão a influência americana tanto na Europa quanto na China, onde, segundo o professor Maersheimer, deveriam se concentrar todas as atenções do governo dos Estados Unidos. Além desse cenário de crise, as movimentações políticas do Ocidente empurram a Rússia diretamente para o colo dos chineses. Como se não bastasse, a Otan, com os Estados Unidos e a Europa Ocidental, está, sem perceber, transformando o leste do continente europeu numa região de instabilidades perigosas, o que força a presença do Ocidente nessas áreas, antes sob influência da Rússia.

Trata-se, como afirma o professor, de uma situação desastrosa para todos. Aqui, entra a questão básica: quem provocou toda essa instabilidade, desde o início. Ao contrário da voz corrente no Ocidente, que debita toda a responsabilidade por essa guerra aos russos e diretamente a Putin, o professor da Universidade de Chicago ressalta que a principal responsabilidade por toda essa crise armada cabe, principalmente, ao Ocidente e ao seu modelo de política internacional.

A crise, acrescenta ele, teria começado em abril de 2006, com a perspectiva de fazer a Ucrânia e a Geórgia membros efetivos da Otan “a todo o custo”. Na ocasião, os russos alertaram o mundo que essa seria uma situação inaceitável e que esses países não seriam, jamais, parte da Otan. Outra análise a ser considerada é a do linguista e filósofo americano Noam Chomsky. Para ele, os acontecimentos na Ucrânia se devem à expansão da Otan sobre áreas que seriam de influência da Rússia.

Segundo ele, mesmo que Putin fosse uma espécie de Ghandi russo, a situação de guerra seria a mesma. Para Chomsky, a Otan não deveria continuar a existir depois de 1990, quando o império soviético deixou de existir. A Guerra Fria estava sepultada e a Otan havia perdido seu sentido estratégico. Contrariando o bom senso, a Otan não só continuou a existir, como se expandiu para próximo a Moscou, mudando seu objetivo de defesa para o de controle da energia do mundo, por meio do monitoramento das rotas e dutos de óleo e gás marítimas.

Nesse sentido, a Otan passou a ser uma espécie de força interventora americana. Diante de visões realistas como estas, é preciso focar a atenção na movimentação feita pela Otan, com os EUA torcendo para que o Ocidente siga os caminhos da razão e do bom senso, pois não há, nessa contenda, um lado a quem se possa debitar o papel de mocinho da história.

»» A frase que foi pronunciada

“Nunca houve uma guerra boa nem uma paz ruim.”

Benjamin Franklin

Descaso

» Com a alta da gasolina, os pagadores de impostos esperam que o governo do DF invista em transporte público. É difícil para o contribuinte ver parte do metrô na Asa Sul apresentar sinais de decadência por descaso dos responsáveis pela manutenção. Ontem pela manhã, na estação em frente ao Cine Brasília, apenas a escada rolante para descida estava funcionando. Na estação seguinte, em frente ao Clube Unidade de Vizinhança, nenhuma escada rolante do acesso funcionava.

»» História de Brasília

Doutor Ataulpa, há a informação de que a TCB vai suspender os ônibus do Gaminha, por falta de estrada. A conservação das molas está cara, e a companhia está estudando uma maneira de suprimir a linha, se não houver melhora da pavimentação. (Publicada em 20/2/1962)